

A FÁBULA E O PÚBLICO INFANTOJUVENIL¹

Loide Nascimento de Souza²

Insouza@uem.br

Resumo: O artigo aborda a ampliação do público leitor da fábula em consequência de sua presença maciça nos primeiros tempos da escola, como coadjuvante do trabalho pedagógico. Esse fenômeno favoreceu a aproximação gradativa com a massa crescente de leitores infantis e juvenis. Em função disso, surgem novos escritores, cujo talento literário garante a qualidade estética do gênero. No Brasil, destaca-se, Monteiro Lobato, a partir do qual outros escritores também aplicam sua capacidade criativa na produção/adaptação de fábulas. Ao longo do texto, apresentamos algumas dessas criações, dando destaque a nomes como os de Mauricio de Sousa, Katia Canton, Pedro Bandeira, Dilea Frate, Jorge Miguel Marinho, entre vários outros. Junto a obra desses autores, em concordância com a história do gênero, apresentamos também diversas sugestões didáticas para trabalho nos Ensinos Fundamental e Médio. Como suporte teórico para a abordagem e especificidade do gênero, nos baseamos nos estudos de Penteado (2011), Portella (1979), Dezotti (2003) e, especialmente, Lima (2003).

Palavras-chave: fábula; público infantojuvenil; Monteiro Lobato; filhos de Lobato; escola.

1 Introdução

Quando tratamos do gênero fábula, quase sempre surge a necessidade de se destacar a sua especificidade e a sua tradição. Tal necessidade é suscitada especialmente porque a palavra fábula pode ser relacionada a qualquer história curta de cunho ficcional, além de outros significados como, por exemplo, o atribuído pelos formalistas russos que o relacionam a uma categoria da narrativa. Neste caso, ela é entendida como o conjunto básico dos acontecimentos que integram a obra de ficção.

¹ Este texto consiste em uma versão ampliada da comunicação proferida na mesa-redonda “Esopo e sua recepção na literatura brasileira: a fabulística reinventada em Monteiro Lobato e em Millôr Fernandes”, promovida pelo Grupo de Pesquisa “Fábula: A recepção da Antiguidade Clássica na literatura infantil e juvenil”, vinculado à UFRJ, em 22/11/2023. DOI: 10.5281/zenodo.10616429.

² Doutora em Letras pela UNESP de Assis, na Área de Literatura e Vida Social. Professora Adjunta do DTL (Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias) da Universidade Estadual de Maringá-PR (UEM).

Mas em nosso texto queremos, sobretudo, abordar a fábula em seu sentido específico. Trata-se de um gênero narrativo milenar, cuja autonomia e singularidade se estabelecem a partir do grego Esopo (VI a. C). Oswaldo Portella (1979, p. 38-39), um dos pioneiros dos estudos da fábula no Brasil, traz a seguinte definição para o gênero:

[A] fábula é uma narração breve, em prosa ou em verso, cujos personagens são, via de regra animais e, sob uma ação alegórica, encerra uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário, que se depreende naturalmente do caso narrado.

Ainda para Portella (1979, p. 32), a “história da fábula conheceu três ápices, pontificados por três expoentes: Esopo, Fedro e La Fontaine”.

Sem negar a importância dos fabulistas destacados por Portella, a professora Maria Celeste Consolin Dezotti, também pioneira dos estudos da fábula, acrescenta o nome do romano Bárbrio (I d.C) e destaca os fabulistas indianos. Além disso, Dezotti identifica referências entre um fabulista e outro. Ou seja, o fabulista anterior é referido pelo sucessor que, de alguma forma, lhe reverencia e dá continuidade à produção fabulística. Dessa forma, configurou-se uma sólida tradição fabular, que é fundamental não só para a distinção do gênero, mas também para a sua permanência.

Por muitos anos, a fábula existiu como narrativa consumida por adultos, servindo esporadicamente como leitura e instrução para os filhos da nobreza. Entretanto, a partir do século XVI, período em que se confirmam mudanças significativas na organização social e se deslindam os horizontes da Idade Moderna, o universo de circulação da fábula se modifica. Os textos fabulares passam então a marcar presença em novos espaços e a desempenhar funções inéditas, de acordo as novas demandas.

2 A fábula e ampliação do público leitor: o papel da escola

A Idade Moderna tem, como uma de suas características, o fortalecimento da burguesia em detrimento do gradativo enfraquecimento da aristocracia feudal. Em busca de alcançar protagonismo e poder político, a classe burguesa elege a família e a escola como instituições que a ajudarão nesse processo. No caso da família, sob

o manto da privacidade, ela passa a ser organizada por pai, mãe e filhos, evitando-se a presença de agregados, com vínculo de sangue ou não. A escola, por sua vez, populariza-se e tem como lema o atendimento das expectativas particulares da família burguesa. Cabe a ela, instruir as crianças, inseri-las no universo letrado e apresentar-lhes a realidade, alertando-as, ao mesmo tempo, sobre os perigos e enganos do mundo.

Um dado importante a se destacar é o fato de que, a partir da instauração da burguesia como nova classe social, ocorre o reconhecimento da infância. Ao contrário do que ocorria na Antiguidade e na Idade Média, a criança passa a ser incluída em uma fase do desenvolvimento humano que é diferente da do adulto. Por isso mesmo, desde então, compreende-se que suas necessidades e sua cognição merecem atenção específica, sendo esse mais um dos desafios da escola.

Para cumprir a tarefa de alfabetizar, a escola precisa, entre outros recursos, de textos em quantidade e textos que se adequem aos seus interesses e supostamente aos interesses da criança. O primeiro problema é resolvido por meio da utilização da imprensa, um artefato tecnológico desenvolvido no século XV, por Johann Gutenberg (1396-1468), que propicia a reprodução de muitos exemplares da mesma obra ou do mesmo texto com relativa rapidez. Porém, antes disso, era necessário que houvesse textos. E esse era, de fato, o obstáculo maior, uma vez que a concepção de infância e a existência de escolas “para todos” eram acontecimentos recentes na história da humanidade.

Constatada a ausência de textos afeitos ao ambiente escolar, era necessário buscar alternativas na produção literária e no folclore local. A preferência foi por narrativas curtas e em prosa, que facilitassem a reprodução e o trabalho pedagógico. Desse modo, são aproveitados os contos de fada, anedotas, lendas, parábolas e, especialmente, as fábulas. Textos dessa natureza aos poucos passam a ser identificados com o público presente nas escolas europeias, as quais são frequentadas por crianças de origem burguesa. A literatura infantil nasce, portanto, nesse contexto, em que as narrativas são utilizadas com finalidade didática. Justamente por isso, seu caráter estético não fora levado em conta, não havendo sequer a intenção de unir o útil ao agradável. De qualquer forma, estava garantido o contato entre leitor e texto. E os efeitos desse contato são imprevisíveis, podendo atingir os níveis da imaginação e chegar aos níveis da fruição literária profunda.

Mais do que lendas e anedotas, as fábulas, por sua vocação de instruir e ensinar, foram intensamente utilizadas nos primórdios da escola e da literatura infantil. Ao lado de sua brevidade e simplicidade de linguagem, o seu aspecto moralizante atendia ao projeto educacional da burguesia. Além da alfabetização, os textos fabulares eram utilizados em exercícios de memória e de educação moral.

Prestigiada pela escola, a fábula se populariza e passa a ter um público leitor muito maior, que a difunde e a compartilha em diferentes situações. Vale ressaltar o surgimento de Jean de La Fontaine (1621-1695), no século XVII, e suas célebres coleções de fábulas.

Ao longo dos anos e dos séculos, além de sua ampliação, o público leitor de fábulas se diversifica, chegando a todas as classes e idades, incluindo a adolescência, que, no século XX, é reconhecida como faixa etária diferente da do adulto e da criança. Também há uma evolução no reconhecimento do caráter literário da fábula. Entra em destaque o seu aspecto ficcional e as possibilidades de sua linguagem, haja vista a singularidade das fábulas de La Fontaine escritas de forma refinada e poética.

Com La Fontaine, a tradição esópica da fábula se dissemina pelo mundo ocidental e chega ao Brasil. Como ocorrera na Europa, também aqui ela esteve a serviço da escola. Com efeito, contribuiu de forma decisiva para o alcance dos objetivos educacionais e para a formação da literatura infantil brasileira.

3. A fábula no contexto brasileiro: as inovações de Monteiro Lobato e suas influências

Em terras brasileiras, as fábulas passam a marcar alguma presença significativa somente nos anos finais do século XIX. Naquele momento, podiam ser encontradas, por exemplo, traduções e adaptações de Anastácio Luiz do Bonssucesso (1833-1899) e João Cardoso de Meneses e Sousa, o Barão de Paranapiacaba (1827-1915). Com o aumento do público escolar, a república brasileira começa a manifestar preocupação com a produção de materiais didáticos. Surgem, então, publicações como as de Olavo Bilac (1865-1918) e João Köpke (1852-1926), que traziam fábulas em verso, produzidas intencionalmente como recurso pedagógico para o trabalho de professores. Por essa e outras razões, tais

fábulas eram áridas e acentuavam o caráter moral do gênero, por meio de uma linguagem que se aproximava da visão do adulto branco e europeu.

Esse cenário de mudanças que se desenrolam nas imediações do entresséculo marca o início das atividades de Monteiro Lobato (1882-1948) como intelectual e homem de letras. Além disso, também constitui família e passa a se dedicar à educação dos filhos. Quanto a isso, um dos dilemas que o afligem é a escassez e a baixa qualidade de textos para a infância. Na busca de soluções, descobre que suas crianças gostam das fábulas que D. Purezinha, sua esposa, lhes conta e toma uma decisão. Vejamos:

Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fabulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fabulas que Purezinha lhes conta... Guardam-nas de memoria e vão reconta-las aos amigos — sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção á moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, á medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulario nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fabulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato — espinhentas e impenetraveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fabulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com ideia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa a literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. [...] (Lobato, 1948, t. 2, p.104, carta escrita a Godofredo Rangel em 08/09/1916).

Posto o projeto, em 1921, Lobato lança *Fábulas de Narizinho*, com 29 fábulas. Diferente das que por aqui circulavam, elas eram escritas em prosa, numa linguagem que trazia pontos de contato com a linguagem oral e a visão da criança. O esforço no sentido de atrair os pequenos leitores podia ser verificado já no título, uma vez que as fábulas eram de Narizinho. Esse dado importante também contribuía para a suposição de que os textos não fossem tão rigorosos, pois eram chancelados por uma menina, personagem do Sítio.

Outra inovação implementada por Lobato foi o abraqueiramento das fábulas. Há o destaque do Brasil como o espaço predominante, como se subentende em “A cigarra e as formigas”, além da presença de animais da fauna brasileira e provérbios populares. Entre animais e termos regionalizados podem ser encontradas palavras, como: jaguatirica, onça, mutuca, unha-de-fome, peúva. Já entre provérbios

populares, há, por exemplo: “Pimenta na boca dos outros não arde” e “Boa romaria faz quem em casa fica em paz”.

A recepção do público em relação às fábulas de Lobato foi das mais surpreendentes. Como consequência, essa é uma de suas obras mais reeditadas. Em 1943, na 8ª edição, Lobato as renova mais uma vez, trazendo, no corpo narrativo, um segundo espaço que simula a recepção dos textos. Trata-se dos comentários das personagens do Sítio, nos quais elas questionam, exemplificam, aprovam ou rejeitam as fábulas. Nessa novidade, fica evidente que D. Benta é a narradora das fábulas e os demais são os ouvintes. A interação é livre e democrática, mas D. Benta, sempre disposta a ouvir, exerce o papel de instrutora e esclarecedora das dúvidas.

O sucesso de Lobato na produção de obras que respeitavam o ponto de vista da criança e lhe davam voz foi um divisor de águas no mundo editorial e deu origem ao que se pode chamar de literatura infantil brasileira como sistema. Como ensina Antonio Candido (1918-2017), em sua *Formação da literatura brasileira* (2000), para que haja um sistema literário é necessária a existência de escritores, obras e público afins. Para que esse fenômeno se estabelecesse, as fábulas de Lobato, editadas e reeditadas por diversas vezes, foram fundamentais. Não por acaso, contemporâneos seus, muitos deles leitores de suas obras, também escreveram fábulas específicas para o público infantil, como é o caso de Alaíde Lisboa (1904-2006), irmã de Henriqueta Lisboa (1901-1985), que publica *Como se fosse gente* e *Outras fábulas*, a partir da obra original de Fedro. Suas fábulas, como se infere pela linguagem, grandes ilustrações, fontes grandes e número reduzido de textos, são claramente endereçadas ao público infantil. A própria autora, na Apresentação da primeira obra, confessa o seu gosto por fábulas na infância:

“Quando era pequena, eu gostava muito de ouvir fábulas. Elas eram contadas pelo Pai, pela Mãe, pela Preta Velha que ajudava em casa, pela Professora na escola.

[...]

A quem interessam as fábulas? Às crianças, ao povo, aos letrados...” (Oliveira, 1990).

Outro exemplo é o de Rubem Alves (1933-2014) que publica, entre outras obras, *A libélula e a tartaruga*. Nessa fábula estendida, a libélula, que representa a criança, em seu embate com a tartaruga, a vence por meio do silêncio e da ação:

“Foi quando um pescador passou por ali, levou-a [a tartaruga] para casa e a transformou numa sopa deliciosa. Quanto à libélula, voou ao sabor do vento, feliz de que fosse assim tão leve...” (Alves, 2016, p.27).

Ruth Rocha (1931), por sua vez, herdeira e admiradora confessa de Monteiro Lobato, também publica seu volume de vinte fábulas selecionadas, a partir da obra de Esopo. Indicadas para crianças e pré-adolescentes, são escritas em fontes grandes, fartamente ilustradas e coloridas, contendo figuras que abrangem a abertura de duas páginas. Se a narradora de Lobato discutia a moral com sua audiência, em Ruth Rocha a moral será suprimida para ser deduzida pelo leitor. Vejamos a apresentação do editor: “Ao realizar seus recontos, Ruth Rocha optou por não incluir a ‘moral da história’ nas fábulas que reescreveu. Mas isso torna a leitura ainda mais divertida, pois você pode imaginar sua própria moral para elas” (Rocha, 2010).

A partir de Monteiro Lobato, portanto, temos o início da literatura infantil brasileira e a fábula ganha uma nova feição. Embora seja um gênero a ser usufruído por todas as idades, a maior parte das edições brasileiras na atualidade são encaminhadas ao público infantojuvenil. Além disso, há uma preferência pela prosa em uma linguagem corrente, simples, mas bem-posta, que facilita a leitura e não deixa de agradar aos que atuam no ambiente pedagógico. Embora as fábulas não sejam mais apenas pretexto para o ensino, a escola continua sendo uma grande coadjuvante na divulgação das obras e na promoção da leitura. E a fábula, por sua vez, é um dos gêneros mais propícios para o início da formação literária dos pequenos (e, por que não, dos grandes) leitores.

4. A fábula na sala de aula: na esteira de Lobato e seus herdeiros

Vimos, no primeiro tópico, que, com Esopo, há milhares de anos na Grécia, a fábula ganha *status* de gênero autônomo e, com o passar dos tempos, enseja o aparecimento de uma linhagem de grandes fabulistas. No caso brasileiro, muitos séculos depois, a partir de Monteiro Lobato, a literatura infantil também inaugura uma tradição e ganha *status* de arte literária.

A capacidade de divulgação do autor e o contato direto com os leitores de diferentes lugares fez que o público leitor das obras infantis de Lobato crescesse

rapidamente. Em função da qualidade do texto, o domínio da fantasia e a cumplicidade com o ponto de vista da criança, aos poucos suas histórias se tornaram referência e passaram a fazer parte de uma memória afetiva e coletiva de leitura. Essa memória propiciou o surgimento de uma geração de novos escritores formados indiretamente e influenciados por Lobato. Do ponto de vista de José Roberto Whitaker Penteado (2011), em *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*, há uma geração de grandes escritores e leitores, os quais podem ser chamados “filhos de Lobato”. Nas últimas décadas do século XX, tal expressão se tornou presente nos meios de comunicação, e até nos meios acadêmicos, como referência ao aparecimento de talentosos autores de literatura infantojuvenil, todos admiradores de Lobato e, a maioria, leitores de sua obra na infância. Ana Maria Machado, uma das principais e mais respeitadas autoras do segmento, concorda com a inclusão de seu nome nesse panteão. No Prefácio da obra de Penteado, ela declara o seu tributo ao criador do Sítio:

[...] é inegável que, como cidadãos, todos os que lemos os livros de Monteiro Lobato somos seus filhos. E somos muitos: todas as crianças das famílias alfabetizadas do Brasil, pelo menos entre as décadas de 1920 e 1950. Com ele formamos nossas noções de independência e de fraternidade, nosso pacifismo, nossa recusa ao fanatismo, nosso entendimento ecológico de que queimadas são um horror, e que na natureza há uma cadeia alimentar inevitável que assegura a sobrevivência de todos (ou, em suas palavras, um come-come danado). Com ele, muitos também aprendemos que a ignorância é a mãe de medos e males, que fora da educação não há salvação, que sem livros (e sem o bom exemplo de homens e mulheres) não se faz um país. E alguns até não nos esquecemos de outras noções preciosas: a de que as crianças não precisam ser sempre boazinhas e podem recusar os conselhos e exemplos hipócritas que os adultos lhes apresentam. Ao mesmo tempo, nos foi inculcado, porém, que existem valores a ser respeitados, que o humanismo é uma exigência da civilização e que cada um é responsável por seus juízos e ações (Machado, 2011, p. 9-10).

Como revelam as afirmações de Ana Maria Machado, junto ao prazer da leitura são também assimilados muitos princípios e visões de mundo. Portanto, ensinar lições não é uma exclusividade da fábula, que apenas evidencia alguns ensinamentos subjacentes em sua breve narrativa.

Assim como Lobato, como já vimos, outros escritores de seu tempo ou que o sucederam também publicaram suas fábulas recontadas. Mais recentemente, entretanto, há um número considerável de escritores que, embalados pela atualização proposta por Lobato, bem como pela visão crítica dos ouvintes do Sítio,

escrevem fábulas caracterizadas pela paródia. Conforme se confere nos comentários das personagens que sucedem os textos fabulares de Lobato, há casos em que a fábula é aplicada a uma situação real, como em “A gralha enfeitada com penas de pavão”:

— Esta fábula é bem boazinha — disse Dona Benta. Quem pretende ser o que não é, acaba mal. O Coronel Teodorico vendeu a fazenda, ficou milionário e pensou que era um homem da alta sociedade, dos finos, dos bem educados. E agora? Anda de novo por aqui, sem vintém, mais depenado que a tal gralha. Por quê? Porque quis ser o que não era (Lobato, 1973, p. 15).

Quando há uma aplicação objetiva da moral da fábula nos comentários, fica evidente a aceitação por parte da turma do Sítio. Há, no entanto, propostas de rejeição e inversão da moralidade popular. Vejamos, por exemplo, os comentários de “O homem e a cobra”, que se desenrolam a partir da moral “Fazei o bem, mas olhai a quem”:

— A senhora arranjou uma moralidade ao contrário da sabedoria popular que diz: “Fazei o bem e não olheis a quem.”

— Sim, minha filha. Ésse fazer o bem sem olhar a quem é lindo — mas nunca dá muito certo. [...] (Lobato, 1973, p.43).

Há, também, textos rejeitados pelos ouvintes porque aparentemente não têm característica de fábula, como o “O rato e a rã”:

— Essa fábula, vovó, não me parece fábula — parece historinha que não tem moralidade. “Passo”.

— Eu também “passo” — disse Pedrinho.

— Eu, idem! — berrou Emília.

E Dona Benta teve de contar a seguinte, que era a do Lobo e o Cordeiro — um suco! (Lobato, 1973, p. 41).

Além dos comentários dos ouvintes na obra *Fábulas*, em *Reinações de Narizinho* há o capítulo “Pena de papagaio”, que recria o contexto fabular, subvertendo a moral e, por exemplo, salvando o Burro de uma morte injusta em “Os animais e a peste”.

A partir dos trechos rapidamente destacados, podemos afirmar, portanto, que os chamados “filhos de Lobato” têm fartos exemplos que os inspiram a fazer a releitura das fábulas. Tais releituras, além de garantir a expansão do gênero,

também são recursos que favorecem o trabalho de estímulo à leitura e à escrita por parte dos professores do ensino básico.

Vejamos, então, algumas obras de reconto e adaptação das fábulas e que, pelo seu próprio exemplo e estruturação, trazem indiretamente (nas entrelinhas) uma possibilidade de aplicação em sala de aula. Mauricio de Sousa (1935), um dos mais ilustres herdeiros culturais de Lobato, lançou recentemente a coletânea *Fábulas Ilustradas* (2022). São 14 obras, contendo cada uma delas, uma fábula e muitas ilustrações. A narrativa é mais detalhada que o habitual, havendo maior investimento no papel do narrador e mudanças nas ações e episódios. Em “A cigarra e a formiga”, por exemplo, a atualização do texto vai além da proposta de Lobato e se aproxima da visão atual de retorno pelo trabalho. Assim como na adaptação lobatiana, as formigas são boas e socorrem a cigarra no inverno, mas em troca ela deve cantar e tocar para diverti-las no formigueiro:

Em seguida, a rainha entrou na sala, mas quem falou foi a cigarra:
— Rainha, imploro que me deixe passar o inverno no seu formigueiro!
— Aqui, só quem trabalha, come. Então, se quiser ficar, toque sua viola e cante.
E a cigarra logo fez uma nova canção:
— Trabalhar aquece o coração! Quem trabalha mais, garante um banquete! Lá, lá, laralarará! (Sousa, 2022, p. 16).

Outra invenção de Mauricio de Sousa é que, em suas fábulas, as personagens típicas e tradicionais do gênero são incorporadas por personagens da Turma da Mônica. Na fábula supracitada, as personagens são parafraseadas, respectivamente, por Chico Bento e Zé Lelé. Em “A menina do leite” e “A raposa e as uvas”, a personagem principal é representada por Mônica. Já em “A tartaruga e a lebre”, por Cebolinha e Titi. De modo geral, todas as personagens de suas fábulas têm traços de seus famosos personagens das HQs.

Considerando as inovações fabulares propostas por Mauricio de Sousa, em sala de aula os professores terão amplas possibilidades de trabalho com o texto. Em primeiro lugar, é evidente que os aspectos ficcional e narrativo, a fantasia, as linguagens verbal e visual, as diferentes versões da fábula deverão ser abordadas. Em seguida, tendo em vista a produção e recepção em massa das histórias em quadrinhos, gênero predileto do autor, os alunos poderão ser orientados (individualmente ou em equipe) a produzir a fábula em forma de HQ. Nesse mesmo exercício, inspirados na narrativa lida, poderão escolher pessoas reais de seu

convívio que se assemelhem à raposa, ao lobo, ao leão, ao cordeiro, à menina do leite etc e transformarem-nas em personagens de suas fábulas. Esse novo texto, assim como o de Mauricio, poderá ter pequenas mudanças no enredo, de modo que haja uma melhor adequação à realidade vivida pelo aluno.

Outra experiência original e inusitada na publicação de fábulas é a de Katia Canton (1962) com *A cozinha curiosa das fábulas: 14 histórias com receitas* (2022). Sua dedicação às artes visuais não foi obstáculo para o seu talento literário e, como “filha de Lobato”, tem publicado inúmeras obras infantis. No caso destacado, unindo, surpreendentemente, duas práticas milenares, contar fábulas e cozinhar, a autora apresenta o texto e, em seguida, a receita. Antes disso, esclarece as especificidades do gênero fábula em uma apresentação que traz, no título, um sugestivo provérbio popular: “‘Não compre gato por lebre’ ou o que são mesmo fábulas?”. Após algumas páginas sobre a fábula, também escreve um texto instrucional para o público leitor em que afirma: “Cada fábula contada nesse livro acompanha uma receita que você pode testar para criar sua própria cozinha sábia de fábulas, com pratos que levam ingredientes e ideias diferentes” (Canton, 2022, p.14).

É muito interessante que, nessa obra de Katia Canton, há certo diálogo entre a receita e o texto fabular. Por exemplo, após ler a fábula “A moça e a vasilha de leite”, os leitores terão a receita de um “Pudim de Leite”. Já no caso de “A galinha dos ovos de ouro”, a proposta é “Ovos mexidos com tomate e queijo”.

A criatividade e inventividade de Katia Canton, na obra em questão, já trazem uma estratégia subjacente para o professor do Ensino Fundamental que, diante de seus alunos, pode solicitar que encontrem outras receitas que dialoguem com determinadas fábulas deste ou de outros livros. Por outro lado, ao verificar a fusão inesperada de ações, como fez Canton, o professor também pode propor a mistura de ações como “brincar” e “contar fábulas”. Após a leitura de um grande número de fábulas, é possível solicitar que cada aluno escolha uma fábula diferente e memorize o seu enredo. Essa distribuição pode, inclusive, ser feita por sorteio. Em outra aula, em espaço aberto, a proposta é que nos intervalos de uma brincadeira de rodas, do tipo “Adoleta” ou “Batata quente”, um aluno conte uma fábula, indicando outro para o próximo intervalo, como se faz com “Ciranda, cirandinha”. As cantigas podem ser adaptadas de acordo com a faixa etária dos alunos e, após a narração da fábula, todos devem aplaudir o narrador/locutor.

Pedro Bandeira (1941), famoso e ilustre “filho de Lobato”, também têm a sua coleção de fábulas. Assim como ocorre com as personagens do Sítio do Picapau Amarelo, seu narrador aplica a moralidade da fábula a uma experiência pessoal, propõe outro desfecho, faz comentários etc. Suas *Fábulas palpitadas*: recontadas em versos e comentadas (2011), como antecipa o título, são escritas em verso, mas também comentadas em verso. Quase todas, com exceção de uma que é do próprio autor, são originalmente de Esopo, que, como já vimos, contava fábulas em prosa. Entretanto, os versos de Bandeira, longe de tornar o texto mais hermético ou complexo, mantêm a simplicidade refinada do gênero. Todas as fábulas, inclusive os palpites, são escritas em versos alexandrinos arcaicos, de 14 sílabas métricas, frequentemente divididos em hemistíquios de sete sílabas, como se fossem duas redondilhas maiores seguidas. Por essa razão, o ritmo é bem marcado, quase sempre assinalando a sequência das sílabas poéticas 3-7. Essa musicalidade típica de quadrinhas populares é apreciada pelos leitores de todas as idades, especialmente, as crianças e os adolescentes.

Como já destacamos, nessa obra de Pedro Bandeira, todas as fábulas apresentam “palpites”. Esses palpites, introduzidos pela frase “E lá vem palpite!”, avaliam a moral embutida na narrativa. Ora aprovam, ora rejeitam os ensinamentos ou caracteres das personagens. Um exemplo de rejeição está na fábula “O burrico cantor”, em que o burro queria cantar como um canário, mas, apesar de todo empenho, só conseguiu zurrar. O palpite questiona a fábula e propõe um novo desfecho:

O burrico foi treinando e aprendendo afinação.
Foi cantando dó-ré-mi, foi compondo uma canção.

Logo mais aconteceu na cidade um festival
e lhe deram até o prêmio de artista original! (Bandeira, 2011, p. 14).

Diferente de “O burrico cantor”, por exemplo, as fábulas “A formiga e a pomba” e “O carvalho e o junco” têm palpites que as aprovam. Em outras, a narrativa é aplicada ou comparada a uma experiência pessoal do narrador, como em “A mosca trabalhadeira” e “O ratinho e o leão”.

Se pensarmos que as fábulas de Lobato são todas avaliadas pelas personagens do Sítio, podemos dizer que os “palpites” acrescentados no pós-fábula em Bandeira equivalem ao segundo espaço narrativo das fábulas lobatianas que

encerra os comentários. Essa simulação da recepção do texto tanto em Lobato como em Bandeira também pode servir de base para que os professores do Ensino Fundamental desenvolvam a mesma estratégia em suas turmas. Após a leitura das fábulas de Bandeira, os alunos poderão ser convocados a aplicar a fábula a uma experiência real, vivida ou testemunhada. Em outra ocasião, podem avaliar a fábula criando novos desfechos ou até endossando a história com justificativa. Tais atividades podem ser realizadas de modo oral e depois elaboradas por escrito. Por último, os textos podem ser trocados entre os alunos para leitura e apreciação.

Quando publica suas fábulas e, aos poucos, vai realizando mudanças até chegar ao acréscimo dos comentários, Lobato considera e executa, como já vimos, a possibilidade de reprovação do texto na avaliação dos ouvintes. No caso de “A cigarra e as formigas”, Narizinho inicia o seu comentário da seguinte maneira: “Esta fábula está errada” (Lobato, 1973, p. 12). Outras fábulas são alcunhadas de “indecente”, “inútil”, “dolorosa” etc.

Seguindo o diapasão lobatiano de apontamento das fábulas que fogem ao convencional, outra “filha” do criador do Sítio, Dilea Frate (1953), escreve *Fábulas tortas* (2007). Conforme explica no texto de seu diário pessoal reproduzido na apresentação inicial “A torre torta”, a autora teve a ideia de escrever esse livro ao visitar a famosa Torre de Pisa, na Itália. Diante da enigmática construção de muitos séculos, ela considera a hipótese de “fazer um livro de fábulas que falassem de um mundo igualmente torto” (Frate, 2007, p. 9). As narrativas de *Fábulas tortas*, portanto, são textos que narram situações incomuns e encontros improváveis. Nem sempre evidenciam o aspecto moral da fábula e os personagens animais, em sua maioria, não são os mais prestigiados da fauna fabular. Em vez disso, há anta, urso, camelo, beija-flor etc. Há, também, os tipos humanos: ranzinza, romântico, prego, entre outros.

Como podemos observar, as fábulas de Dilea Frate, nessa obra, podem ser chamadas “tortas” porque narram acontecimentos estranhos, como em “Bebê-celular”, que conta o caso do cientista finlandês que inventara telefone celular para bebês. Sem saber falar, eles apenas berravam: “Buajork” e influenciavam todo o restante da população a se comunicar da mesma maneira. Além disso, os textos não obedecem a uma única forma. A maioria é prosa, mas há, por exemplo, a fábula “Fifi envergonhada”, escrita em verso, e “Ponto de vista”, que é toda monólogo. Por outro lado, as fábulas da autora também são tortas porque se afastam relativamente do

padrão tradicional do gênero fábula. Entretanto, em todas elas, a moral é subjacente. Os ensinamentos estão sempre presentes, ora nas entrelinhas, ora no próprio desenrolar da história. Em “Os ursos insones da Sibéria”, vislumbra-se o perigo das mudanças climáticas no planeta. Já em “A república das antas”, o leão só permanece vivo porque aceita ser explorado de forma escandalosa e perde a sua identidade. Há também casos em que a moral está contida no discurso do narrador, como em “Culpa de menino”:

Tiago gostou de ouvir aquilo, e pensou que sentir satisfação é bem melhor que sentir culpa. Também fez uma descoberta interessante: às vezes, a distância entre a satisfação e a culpa é bem pequena. E pode ser só uma questão de ponto de vista (Frate, 2007, p. 25).

Portanto, embora se diferenciem da estrutura mais conhecida do modelo esópico, as fábulas tortas de Dilea Frate, ainda assim, são fábulas. Todas elas trazem a narrativa, com personagens que representam caracteres ou problemas humanos e universais. Outrossim: a moral está presente de modo implícito e, em alguns casos, explicitamente.

O exemplo literário e criativo da referida autora, conforme acabamos de abordar, também pode ser adaptado ao trabalho pedagógico. Para isso, antes de tudo, o professor terá de trabalhar, necessariamente, a tradição da fábula e suas propriedades. Garantida a intimidade entre o gênero e os leitores, só assim eles serão capazes de apontar as possíveis variações ou desvios. Em turmas de 8º e 9º ano, será possível solicitar a avaliação de cada um dos textos, de modo que sejam apontados os motivos de sua inclusão em *Fábulas tortas*.

Quem também integra as fileiras da revolução literária iniciada por Lobato nos anos 20 é Jorge Miguel Marinho (1947-2019) com suas *Fábulas ao contrário* (2019). Dedicando boa parte de sua obra ao segmento juvenil, ao recontar as narrativas fabulares, assim como o criador de Emília, ele estabelece um diálogo conflituoso entre os textos e propõe mudanças e inversões. Quanto a isso, cada uma de suas fábulas traz um prólogo que previne e desafia o leitor:

Às vezes, uma história fica cansada, muito fatigada mesmo de ser a mesma história todos os dias e ela mesma se conta ao contrário. Igual a você que gosta de pôr as coisas de cabeça para baixo ou mudar um pouco o jeito que você é.
[...]

Será que você vai acreditar nela? Se acreditar, muito que bem, se não acreditar, invente outra e ponha no lugar (Marinho, 2019, p. 5).

Assim como as de Esopo ou de Monteiro Lobato, as fábulas de Jorge Marinho são escritas em prosa e destacam a moral. Mas diferentemente do fabulista grego, seus textos, em um total de três histórias, trazem uma narrativa mais extensa e apresentam inversões, inovações e novas soluções para o conflito. O touro, por exemplo, queria ser pequeno como a rã. Já a tartaruga vence a disputa com a lebre, utilizando-se de um *skate* por sugestão do macaco.

Tratando-se das possibilidades de aproveitamento didático por parte de professores, também nesse caso é preciso conferir o conhecimento dos leitores em relação ao gênero e realizar um trabalho antecipado de leitura das fábulas tradicionais. O passo seguinte é o da apresentação, leitura e análise das *Fábulas ao contrário*. Por último, vem a produção textual em que o aluno poderá seguir o exemplo de Jorge Miguel Marinho e inverter ou atualizar o enredo das fábulas.

A sequência das obras dos cinco autores aqui apresentada, conforme vimos, de fato confirma a popularidade da fábula e as inúmeras possibilidades de leitura e renovação. Por outro lado, tendo em vista o trabalho de formação de leitores, desenvolvido especialmente por professores do Ensino Fundamental, tais obras podem ser úteis na iniciação e aprimoramento da leitura literária. Com Mauricio de Sousa, Katia Canton, Pedro Bandeira, Dileia Frate, Jorge Miguel Marinho e outros autores de fábulas, o professor poderá, além de fomentar a leitura, enriquecer estrategicamente o seu planejamento e atingir os objetivos operacionais estabelecidos.

5. O efeito fábula no Ensino Médio

De origem primitiva e caracterização retórica, a fábula foi e continua sendo apreciada por pessoas de todas as idades e classes sociais. Não podemos negar, como já vimos neste mesmo texto, sua aproximação com o público infantil e escolar nos últimos séculos. Mas isso apenas confirma sua aceitação e amplia ainda mais o seu público leitor. Por essa razão, se o gênero fabular agrada aos leitores do Ensino Fundamental, sua versatilidade permite que seja lido e explorado também por leitores do Ensino Médio. Tratando-se de uma faixa etária que se aproxima da

maioridade, podemos acreditar que, em tese, os alunos dessa etapa escolar possuem experiência de leitura para apreciar os textos originais de Esopo, Fedro, Bárbrio ou La Fontaine, em traduções respeitadas e consagradas. Tais traduções podem ser encontradas no *Blog da Fábula*, em *Esopo: fábulas completas* (2013) e *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine* (2003), todos organizados/elaborados por Maria Celeste Consolin Dezotti. Outras traduções exclusivas de Fedro ou La Fontaine também podem ser lidas em *Fábulas de Fedro* (1941), de Nicolau Firmino, e *Fábulas de La Fontaine* (1989), traduzidas por Milton Amado e Eugênio Amado.

Sabendo, entretanto, que, no Ensino Médio, as discussões abrangem com mais frequência temas complexos e de interesse abstrato, é muito oportuna por parte dos professores a exploração do *efeito fábula*, conforme define o professor Alceu Dias Lima (2003, p. 14): “Entenda-se por *efeito fábula* toda sequência que, independentemente do texto em que se encontra, evoca, por sua própria forma, a de uma fábula”. Vale ressaltar que o reconhecimento dessas sequências ou partículas fabulares em qualquer contexto advém da firmeza e estabilidade da forma da fábula que, em sua simplicidade sólida e elegante, é constituída de três discursos mínimos: o figurativo (narrativa), o metalinguístico (que estabelece a conexão entre os outros dois discursos) e o temático (moral).

Na fala cotidiana e nos mais diferentes meios de comunicação, do oral ao escrito, do impresso ao digital, não é raro que se leia ou se ouça expressões que evoquem a forma da fábula. Um dos casos mais frequentes é, por exemplo, o da expressão “mãe coruja”, extraída do discurso figurativo da fábula “A águia e a coruja”, de La Fontaine. Trata-se, portanto, de uma constatação da presença efetiva do efeito fábula na interação entre as pessoas. Dessa maneira, sabendo que a referência ao discurso fabular, nesses casos, não diz respeito à narrativa, e sim, ao contexto imediato das discussões que, como diz Lima (2003, p. 12), tem “predominância temática e estilo denotado”, os professores poderão, a partir do efeito fábula, trabalhar a prática da escrita com seus alunos do Ensino Médio.

Considerando a importância da tomada de posição para o protagonismo juvenil, como demanda a BNCC, uma das sugestões para o alcance dessa meta seria incentivar produções textuais que exijam o domínio da argumentação, entre os quais estão o texto dissertativo, crônica pessoal com viés crítico, artigo de opinião e resposta argumentativa, entre outros. Tal experiência certamente contribuirá para o

“desenvolvimento de habilidades relativas ao trato com a informação e a opinião” (BRASIL, 2018, p. 490).

Tendo em vista, portanto, o exercício da prática da escrita em sala de aula a partir da fábula e do efeito fábula, apresentamos a seguir, a título de exemplificação, algumas atividades que poderão ser aproveitadas ou adaptadas na organização do trabalho pedagógico.

Como ponto de partida para a primeira proposta de produção textual, temos uma fala da ex-senadora catarinense Ideli Salvatti em 2004, que, ao se referir a um discurso proferido por outro senador, fez a seguinte afirmação: “a montanha rugiu, rugiu, rugiu e não pariu um rato” (Salvatti, 2004). Tal afirmação traz uma amostra de ocorrência do efeito fábula que, nesse caso, ocorre por meio da condensação e adaptação da fábula “O parto da montanha”, de Fedro. Para iniciar seu trabalho, o professor pode apresentar o texto original aos alunos e depois, seja por meio de comentários orais, escritos, livres ou direcionados por perguntas, realizar uma comparação entre os dois textos, tendo como base o discurso temático e os possíveis contextos. Em seguida, após recapitular o gênero crônica, o professor solicitará a produção de textos a partir da temática geral “Obras não realizadas ou inacabadas”. Para tanto, será necessária a apresentação de um comando, com instruções básicas.

- Comando – EXEMPLO 1

Estamos em ano eleitoral e, nessas ocasiões, é oportuno que analisemos o desempenho dos políticos em geral. Portanto, converse com amigos e parentes, circule pela cidade onde você mora, procure tomar conhecimento da existência de obras não realizadas ou inacabadas e fotografe-as. De posse das informações, escreva uma CRÔNICA PESSOAL com viés crítico, na qual você aponte e narre de forma resumida a história específica da obra não realizada, apontando, se possível, o responsável pela referida promessa. Desenvolva algumas reflexões ao longo da crônica e finalize o seu texto com a afirmação da senadora Ideli Salvatti, registrando-a com letra maiúscula no início e ponto final: A montanha rugiu, rugiu, rugiu e não pariu um rato. Sua crônica e sua fotografia serão expostas em um painel intitulado “O parto da montanha”, afixado em uma das paredes da escola, para serem lidas, observadas e comentadas pelos demais alunos.

A atividade proposta acima também poderá ser realizada em dupla. Tratando-se de um dos problemas mais frequentes na realidade brasileira, é muito provável que os alunos não tenham maiores dificuldades na seleção de um bom motivo para a elaboração de suas crônicas.

Outra fábula muito presente no dia a dia, retomada quase sempre pelo efeito fábula, é “A menina do leite”. De origem indiana, a fábula foi divulgada no mundo ocidental por La Fontaine. Conta a história de uma mulher que, de posse de uma jarra de leite, começa a fazer planos elevados e supõe realizar grandes proezas. Ao dar um salto de empolgação, derruba a jarra e seus planos audaciosos se desfazem. A moral da história diz: “... ninguém deve/Fazer castelo no ar!” (BRAGA, p. 302). Já na linguagem oral e cotidiana, a moral dessa fábula geralmente é expressa da seguinte maneira: “Não adianta chorar o leite derramado”.

Para explorar o efeito fábula a partir da fábula mencionada, depois de discutir e analisar o texto original com a turma, o professor deverá apresentar e ler o artigo publicado pela ESL – Excelência em Sistemas Logísticos em seu site, no ano de 2016, intitulado: “Adianta sim, chorar o leite derramado”. Para encaminhar a produção textual, o professor deve solicitar uma dissertação sobre o tema “Desmatamento e consciência ambiental”. No parágrafo inicial ou na conclusão, o aluno deverá incluir a frase título do artigo destacado. O comando poderá ser o seguinte:

- Comando – EXEMPLO 2

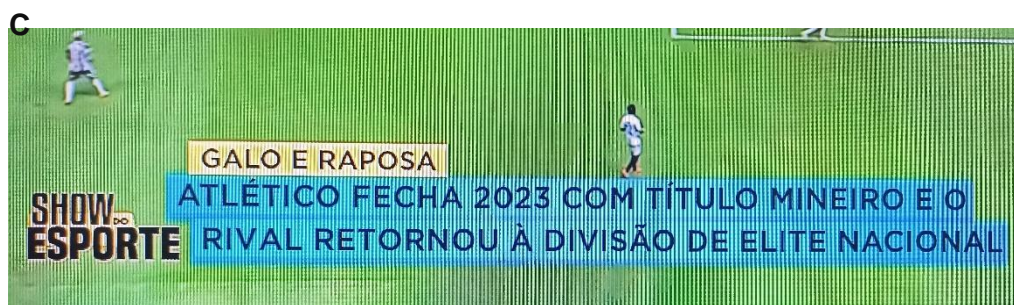
Faça uma pesquisa sobre o tema “Desmatamento e consciência ambiental no Brasil” e depois escreva um TEXTO DISSERTATIVO de, no máximo, 25 linhas sobre o tema pesquisado. Ao propor a tese, no parágrafo inicial, ou na conclusão, você deverá incluir a seguinte frase: “Adianta sim, chorar o leite derramado”. Tal afirmação pode direcionar a sua argumentação e configura a presença do efeito fábula em sua dissertação.

Conforme sabemos, especialmente no que se refere à prática da escrita, as turmas de Ensino Médio apresentam rendimento e capacidade de produção diferenciados. Portanto, no caso da dissertação, se achar conveniente, o professor poderá retomar a sua estrutura, mostrando a sequência da textualidade.

Continuando o trabalho sobre a manifestação do efeito fábula em diferentes situações, o professor poderá verificar sua presença no ambiente esportivo, para, ao final, solicitar a produção de um artigo de opinião.

Na data de 31 de dezembro de 2023, o programa *Show do Esporte*, da emissora Band de televisão, veiculou a seguinte notícia: “Galo e raposa: Atlético fecha 2023 com título mineiro e o rival retornou à divisão de elite nacional”. A imagem abaixo mostra o momento da exibição:

Figura 1 – Show do Esporte



Canal Esporte na Band - SHOW DO ESPORTE - 31/12/2023

Após a apresentação da manchete, o professor deverá distribuir em papel impresso ou projetar o texto de três versões diferentes da mesma fábula: “O cão, o galo e a raposa”, de Esopo, “O galo e a raposa”, de La Fontaine, e “O galo que logrou a raposa”, de Monteiro Lobato. Como aprofundamento de leitura e análise, o professor poderá encaminhar um exercício oral de comparação entre as três fábulas, inclusive, estabelecendo a diferença entre os estilos dos fabulistas. Finalizada essa etapa, o professor solicitará uma produção textual, a partir do seguinte comando:

- Comando – EXEMPLO 3

No universo da fábula, a raposa é reconhecida por sua esperteza, egoísmo e maldade. Mas conforme verificamos na fábula de Esopo, reescrita por La Fontaine e Monteiro Lobato, o galo, surpreendentemente, mostrou-se mais astuto que a raposa. Portanto, tendo em vista o conteúdo da manchete e da fábula discutida, escreva uma RESPOSTA ARGUMENTATIVA de, aproximadamente, 15 linhas, para a seguinte questão: tratando-se de campeonatos de futebol, a manchete caracteriza-se pela neutralidade ou há alguma intencionalidade na construção de seu conteúdo? Após a produção, haverá um rodízio dos textos produzidos na sala e algumas leituras orais por sorteio.

As respostas para a questão proposta poderão ser negativas ou positivas. A adequação e correção do texto dizem respeito à observação da temática, à qualidade e à construção dos argumentos, os quais deverão levar em conta a manchete e a fábula. Naturalmente, os alunos que, por acaso, tiverem maiores informações sobre o contexto e as peculiaridades de cada time poderão explorar tais recursos na organização do texto.

Entre as mais variadas ocorrências do efeito fábula, segue uma última sugestão para trabalho no Ensino Médio. A edição 1818 da Revista Veja, publicada em 3 de setembro de 2003, trouxe a seguinte capa:

Figura 2 – Revista Veja



Revista Veja – Capa – edição 1818 de 03 de setembro de 2003.

Conforme podemos verificar, a manchete é composta pelo título: “Segura a fera!”, sendo este complementado pelo subtítulo: “O Estado brasileiro toma de você quase cinco meses de salário por ano, engole quase todo o crédito bancário e emperra a economia. É hora de mudar”. Ilustrando a manchete, há uma montagem fotográfica, que hiperdimensiona a boca aberta de um leão com enormes presas, sendo segurada por um homem vestido de terno e que está em seu interior. Ele parece tentar impedir a ação do leão para não ser devorado. Texto e fotografia exemplificam o efeito fábula numa referência evidente ao universo fabular. Trata-se da fábula “O leão e o onagro”, de Esopo, e reescrita, conforme Dezotti (2003. p. 208), por Bábrio, Fedro, La Fontaine e Monteiro Lobato. Popularmente, essa fábula

é conhecida pelo título “A parte do leão”. Na versão de Lobato, ela recebe o título “Liga das Nações” e os personagens são substituídos por animais da fauna nacional. Em lugar do leão encontra-se a onça, acompanhada por jaguatirica, gato-do-mato e irara. Em sua versão tradicional, a fábula conta a história (discurso figurativo) de animais que fazem parceria com o leão para caçar, mas, ao final, são trapaceados na partilha e ameaçados pela força do leão. A orientação moral (discurso temático) que encerra o texto aponta para o equívoco na realização de alianças com sócios muito poderosos.

O conjunto da manchete destacada explora o discurso temático da fábula, elegendo o Estado brasileiro como o correspondente ao leão na narrativa e na fotografia. Os despojos da caça seriam os altos impostos cobrados pelo Estado. Portanto, ao estabelecer uma correlação entre a fábula e a realidade tributária brasileira, os autores da manchete revelam o seu ponto de vista e tentam direcionar a interpretação dos leitores. Tal discussão deve ser realizada em sala de aula, mas, antes disso, o professor deve trabalhar a fábula original de Esopo e mais uma de suas reescritas. Sugerimos a de Fedro ou La Fontaine que apresentam quatro animais, conforme a história se tornou mais conhecida. Após as leituras e discussões, seguir-se-á o exercício da escrita, por meio do seguinte comando:

- Comando – EXEMPLO 4

Faça uma pesquisa sobre os tipos de impostos cobrados no Brasil e a aplicação dos valores arrecadados na realização de benfeitorias e serviços públicos. Analise, inclusive, as condições oferecidas pela administração pública em seu município. Em seguida, escreva um ARTIGO DE OPINIÃO para ser publicado no Blog da turma sobre o seguinte tema: “Ética e transparência na aplicação dos recursos públicos”. Você deve expor sua opinião, dizendo se há ou não ética e transparência na aplicação dos recursos públicos. Defenda seu ponto de vista com argumentos convincentes e, em algum momento, faça referência à fábula de Esopo analisada durante as aulas. Se for o caso, faça também sugestões para possíveis mudanças e melhorias em relação ao problema apresentado. Seu texto deve ter de 15 a 25 linhas.

Pela complexidade do assunto, que exige conhecimento e maior capacidade de abstração, cremos que este último exemplo é mais adequado a turmas da 3ª

série do Ensino Médio. De qualquer forma, tudo dependerá do encaminhamento realizado em sala de aula e das condições específicas de cada turma, que, nem sempre, estão condicionadas pela faixa etária. Por seu conhecimento e vínculo com os alunos, o professor será capaz de tomar as decisões mais adequadas na condução das atividades relativas à exploração do efeito fábula na comunicação.

6. Considerações finais

De sua origem até os dias atuais, a subsistência da fábula se deu por uma série de contingências e acontecimentos históricos, alguns deles rapidamente abordados em nosso texto. Não podemos negar, entretanto, que sua aproximação com o público infantojuvenil, impulsionada, sobretudo, pela escola, foi fundamental para a expansão de sua popularidade, ampliação e diversificação de seus leitores. Tal fenômeno possibilitou que a criatividade literária de inúmeros escritores estivesse a serviço do gênero, enriquecendo o seu perfil estético. Por outro lado, como consequência do efeito fábula, como vimos, a fábula passou a fazer parte do discurso interativo de pessoa para pessoa, o que, de qualquer forma, instiga o retorno ao texto original. Justamente por isso, o gênero fabular continua sendo um atrativo para o trabalho pedagógico, especialmente no ensino básico. Texto curto e agradável, linguagem simples e elegante, princípios éticos, personagens animais, tudo isso é um composto perfeito para a formação inicial e continuada dos leitores. Ao se tornar capaz de identificar o sentido figurado, os efeitos de sentido, a correlação com os fatos reais, o aluno chega ao plano da interpretação e pode passar a consumir textos longos e mais complexos, de outros gêneros, sem, contudo, abandonar a riqueza e as possibilidades do gênero fábula.

Referências

ADIANTA sim, chorar o leite derramado. **ESL**: Excelência em sistemas logísticos. 2015. Disponível em: <https://transporteenegocios.eslsistemas.com.br/adianta-sim-chorar-o-leite-derramado/>. Acesso em: 06/01/2024.

ALVES, R. **A libélula e a tartaruga**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.

BANDEIRA, P. **Fábulas palpitadas**: recontadas em versos e comentadas. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2011.

BRAGA, T. **Fábulas de La Fontaine**. Traduzidas ou adaptadas por poetas portugueses e brasileiros do século XIX. [s.d.].

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CANTON, K. **A cozinha curiosa das fábulas**: 14 histórias com receitas. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2022.

DEZOTTI, M. C. C. **Blog da fábula**: coleção de fábulas da Antiguidade até a atualidade. Disponível em: <https://blogdafabula.org/>. Acesso em: 25/11/2023.

_____. **Esopo**: fábulas completas. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. (Org.). **A tradição da fábula**: de Esopo a La Fontaine. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

FRATE, D. **Fábulas tortas**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

GALO e raposa: Atlético fecha 2023 com título mineiro e o rival retornou à divisão de elite nacional. **Show do Esporte**. Esporte na Band. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fy3aAX9ex5Q>. Acesso em: 31/12/2023.

LIMA, A. D. Prefácio. In: DEZOTTI, Maria Celeste C (Org.). **A tradição da fábula**: de Esopo a La Fontaine. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. p. 11-15.

LOBATO. M. **Fábulas**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973. v.4 (Série a).

_____. **A barca de Gleyre**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. 2.t. (Obras completas de Monteiro Lobato, 2.v.)

MACHADO, A. M. Pais, filhos e irmãos a fazer um país. In: PENTEADO, J. R. W. **Os filhos de Lobato**: o imaginário infantil na ideologia do adulto. 2. ed. São Paulo: Globo, 2011.

MARINHO, J. M. **Fábulas ao contrário**. 1. ed. São Paulo: Biruta, 2019.

OLIVEIRA, A. O. de. **Como se fosse gente**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990.

PENTEADO, J. R. W. **Os filhos de Lobato**: o imaginário infantil na ideologia do adulto. 2. ed. São Paulo: Globo, 2011.

PORTELLA, Oswaldo. **A fábula**. 1979. 91 f. Trabalho de pesquisa apresentado à COPERT, Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1979.

ROCHA, R. **Fábulas de Esopo**. ed. reform. São Paulo: Moderna, 2010.

SALVATTI, I. **Pronunciamento de Ideli Salvatti em 02/03/2004**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/344205>. Acesso em: 22/12/2023.

SEGURA a fera! O Estado brasileiro toma de você quase cinco meses de salário por ano, engole quase todo o crédito bancário e emperra a economia. É hora de mudar. **Veja**, São Paulo, ed. 1818, ano 36, n. 35, set. 2003.

SOUSA, M. de. **A cigarra e a formiga: Fábulas Ilustradas**. São Paulo: Girassol, 2022.

SOUZA, L. N. de. **Nas raias de um gênero: a fábula e o efeito fábula na obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

_____. de. Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (Orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. p.103-119.

_____. de. **O processo estético de reescritura das fábulas por Monteiro Lobato**. 2004. 259 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.